

Artigo

ENTRE O PARAÍSO E O INFERNO: O “TERCEIRO LOCAL” NAS OBRAS DE LE GOFF E VOVELLE

Por Airles Almeida dos Santos

Resumo: Sem sombra de dúvidas, dos três lugares do além cristão o purgatório foi o que mais tardou para ser definido e o que causou mais divergências tanto entre religioso quanto entre leigos. Esse “espaço” indefinido e de difícil representação apareceu como resultado das transformações sociais e mentais da Idade Média e correspondia às exigências religiosas de uma época marcada por forte espiritualidade. Neste trabalho analisaremos duas obras sobre o “nascimento” e as “figurações imagéticas” desse lugar que permeou o imaginário cristão medieval. Seleccionamos *O Nascimento do Purgatório* de Jacques Le Goff e *As Almas do Purgatório ou o trabalho de Luto* de Michel Vovelle a fim de compararmos suas interpretações com o intuito de contribuir à História da morte e a compreender melhor o assunto no Medievo.

Palavras-chave: Purgatório, Historiografia, Idade Média.

Introdução

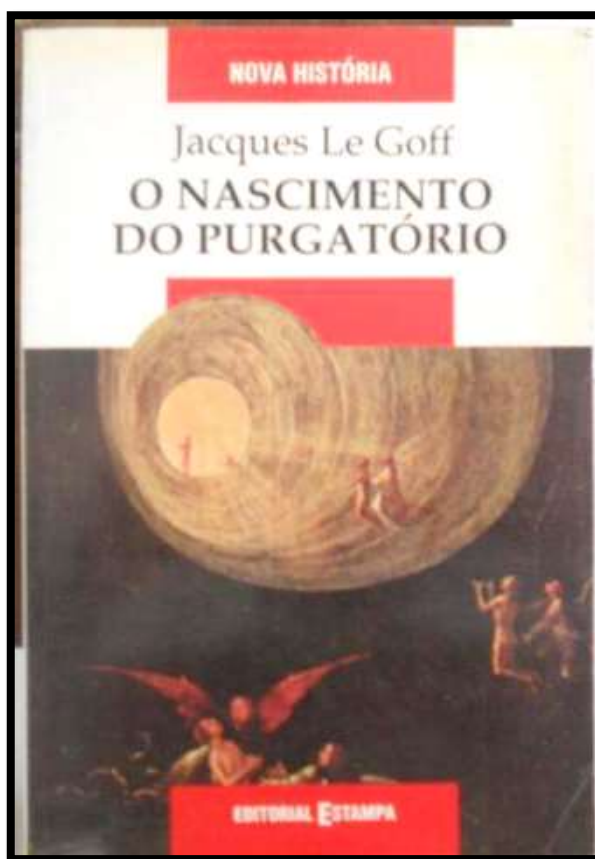
Morte. Palavra singela, porém carregada de simbolismo. Na contemporaneidade esse fenômeno se tornou tabu. Ninguém o menciona, ninguém quer pensar nele, e todos querem disfarçar quando chega. A sociedade recusa-se a encará-lo apesar de saber tratar-se de uma coisa certa, sem dia nem hora marcada, mas certa. Em todas as culturas humanas a morte nunca foi um fato corriqueiro, insignificante. Pelo contrário. Sempre teve papel de destaque; era pensada; sentida; vivida. E apesar do

interdito de hoje, em toda a História, ela foi motivo de indagações.

O início do interesse pelo estudo da morte é relativamente novo na historiografia, datada por volta dos anos 60 e 70 do século XX, quando emergem novas maneiras de abordagens ligadas à Terceira Geração dos *Analles*, influenciadas diretamente pela Antropologia e pela Psicologia, cuja produção mais abundante sobre o assunto é de origem francesa, podendo afirmar tratar-se de uma linha de especificidade desses historiadores. Doravante eles passam a produzir trabalhos sobre as atitudes, os comportamentos, os modos de agir,

sentir e pensar o fenômeno bem como as mudanças que ele sofreu ao longo das épocas. Atualmente esses estudos tem ido além da fronteira da França e encontramos monografias, artigos e textos nos mais variados aspectos da celebração mortuária.

Sem sombra de dúvidas, dos três lugares do além cristão o purgatório foi o que mais tardou para ser definido e o que causou mais divergências tanto entre religioso quanto entre leigos. Esse “espaço” indefinido e de difícil representação apareceu como resultado das transformações sociais e mentais da Idade Média e correspondia às exigências religiosas de uma época marcada por forte espiritualidade. Aqui analisaremos duas obras de autores diferentes sobre o “nascimento” e as “figurações imagéticas” desse lugar que permeou o imaginário cristão medieval. Selecionamos as obras *O Nascimento do Purgatório*¹ de Jacques Le Goff e *As Almas do Purgatório ou o trabalho de Luto*² de Michel Vovelle a fim de compararmos suas interpretações.



O “terceiro local” nas obras de Le Goff e Vovelle

Le Goff modificou de forma fundamental a percepção que tínhamos do Medieval e inovou ao introduzir a ideia de longa Idade Média, prolongada até o século XVIII e findada com a Revolução Industrial. O mesmo nos explica

Eu fui voluntariamente provocador ao falar de uma longa Idade Média que se prolongou até o século 18. Continuo a pensar que há uma certa verdade na ideia de que a Idade Média vai até o fim do século 18, se observamos aspectos essenciais, como a fome, as pestes, a indústria – a economia capitalista do século 18 é uma grande virada (...). Mas, mesmo que consideremos que o fim da Idade Média acontece no fim do século 15, ela não era decadente, não era triste, mas sim soberba, até exagerada”³

Esse medievalista francês dedicou boa parte de sua longa carreira à “antropologia histórica medieval”, disciplina que enriqueceu ao abordar todos os aspectos da vida em sociedade e foi um dos pais do movimento *Nova História*. Como um dos representantes da terceira geração dos *Annales*, dedicou-se à História das Mentalidades e ao Imaginário Medieval. Também se aprofundou nas generalizações de autores anteriores a ele e se

¹ LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. São Paulo: Estampa 1995.

² VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório ou o Trabalho do Luto*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

³ LE GOFF, Jacques. Entrevista ao Estadão. Outubro de

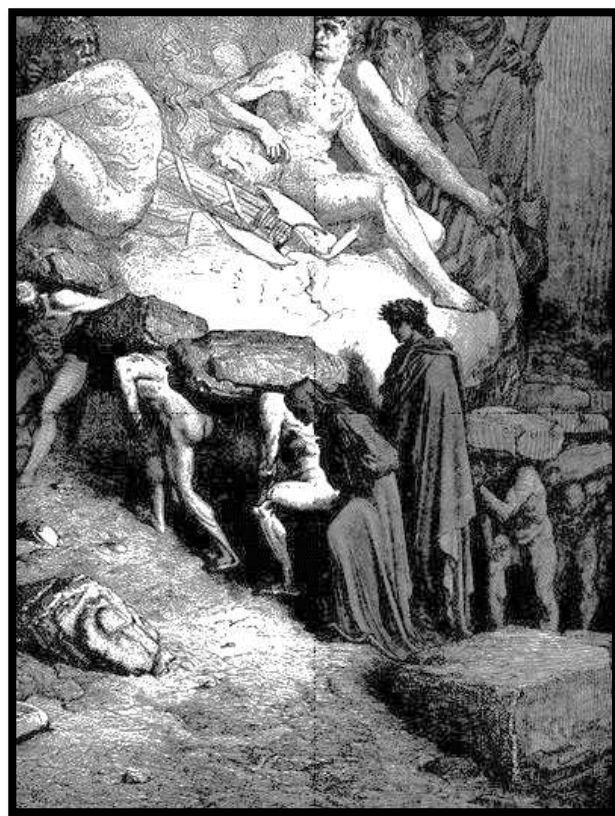
2010. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/arte-e-lazer,jacques-le-goff-foi-decisivo-para-o-estudo-da-idade-media,1148193,0.htm>. Último acesso 23/01/2015.

preocupou em criar um novo tipo de história voltada à pesquisa interdisciplinar, além de ter se voltado ao resgate de uma história das sensibilidades humanas. Segundo Agostinho Menotti Orlandi sobre a concepção de história desse historiador

*Jacques Le Goff, que marcou a historiografia contemporânea com as suas ideias e com suas obras, explica o trabalho do historiador segundo as relações entre o que são a memória e as oposições passado/presente, antigo/moderno, progresso/reação. O passado como uma construção e uma reinterpretação constante.*⁴

Antes de nos aprofundarmos, é importante que façamos uma distinção. Como mostrou Barros, “a História do Imaginário não se ocupa propriamente destas longas durações nos modos de pensar e de sentir, mas sim da articulação das imagens visuais, verbais e mentais com a própria vida que flui em uma determinada sociedade”.⁵ Sendo assim, não é como a História das Mentalidades que maneja o abstrato, aquilo que pode ou não se expressar por imagens. O imaginário nem sempre se forma em longa duração, pode ser uma questão particular e dinâmica, muito relacionado à representação propriamente dita. Foi buscando essa articulação de imagens à vida que flui em sociedade, em outras palavras, a mútua interação entre o imaginário religioso medieval e a sociedade que o produziu que Jacques Le Goff redigiu *O Nascimento do Purgatório*.

Tanto Le Goff como Vovelle, ambos os autores analisados a seguir, andaram pelo mesmo caminho: se preocuparam com a história dos modos de ser,



pensar ou agir; das sensibilidades humanas na longa duração e com o imaginário no período medieval. No entanto, enquanto Le Goff se preocupou ao menos inicialmente em seus trabalhos, com a inércia das estruturas mentais, com “o nível mais estável, mais imóvel da sociedade”,⁶ Com o passar do tempo acabou revendo seu conceito de “mentalidade”. A partir de então, metodologicamente, não se volta nos seus estudos apenas para aquilo que anteriormente acreditava imutável, mas sim daquilo que se sabe mudar lentamente e que, apesar disso, possui certa dinamicidade. Conciliou a curta com a longa duração. A obra analisada aqui reflete muito bem isso, essa nova maneira de conceber a história. Por outro lado, Vovelle tendeu a se afastar dessa análise

⁴ ORLANDI, Agostinho Menotti. *Le Goff vs Vovelle: um embate de longa duração*. Disponível em www.webartigos.com/artigos/le-goff-vs-vovelle/38140/. Último acesso em 20/01/2015.

⁵ BARROS, José D'Assunção. Imaginário, Mentalidades e Psico-História – uma discussão historiográfica. *Labirinto*

–*Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário*, 2000. Disponível em <http://www.cei.unir.br/artigo71.html>.

⁶ LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. *História: Novas Abordagens*. São Paulo: Francisco Alves, 1976, p.69.

totalizante para não cair no reducionismo. Segundo ele não é interessante à análise da totalidade em uma ou outra camada social, na cultura da elite e da cultura popular.⁷ Rejeita a ideia de passividade das massas conservadoras ou receptoras à força, pois o imaginário coletivo age sobre elas.

Enquanto Vovelle preocupou-se mais com as imagens ao invés de se debruçar sobre textos, usando a iconografia não apenas como anexos ou suportes, mas como portadoras de discursos regidos pela dinâmica dessas mesmas imagens, Le Goff preocupou-se com o valor das palavras, com a importância delas, chegando a criticar os historiadores que as negligenciam

“sem dúvida, os historiadores não dão ainda a importância suficiente às palavras. (...) Para os historiadores das ideias e das mentalidades, as palavras – certas palavras – fenômenos (sic) a longos prazos vindos lentamente das profundezas, têm a vantagem de aparecer, de nascer e de trazer assim elementos cronológicos sem os quais não há verdadeira história.”⁸

Por isso tem a preocupação de analisar textos em língua vulgar a fim de melhor comparar a evolução desse lugar intermédio tanto no imaginário quanto na palavra escrita.

Apesar das diferenças, os dois contribuíram de forma significativa para a compreensão desse “intervalo propriamente espacial que se insinua entre o Paraíso e o Inferno”.⁹ Vamos ao conteúdo dos trabalhos.

Obra célebre sobre o assunto, *O Nascimento do purgatório*¹⁰ de Le Goff trata sobre a historicidade do conceito de purgatório e sua instalação na Idade

Média a partir das transformações das representações da vida após a morte. Fundamentando-se em grande parte nas Sagradas Escrituras e nos textos de variadas naturezas produzidos por religiosos, aponta esse terceiro local como uma criação dos próprios medievais, sem equivalência nos textos sagrados, cuja ideia de surgimento – ou nas suas palavras, nascimento – fazia parte da transformação do cristianismo feudal, havendo conexões entre as mudanças intelectuais e as sociais. Aponta Agostinho como precursor dessa ideia, na emergência da noção de um lugar intermediário nos primeiros séculos do cristianismo, apesar de não haver citação direta nas obras desse teólogo. Ao mesmo tempo, insistia na “mediação” de “estruturas mentais”, de “hábitos de pensamento”, ou de “aparatos intelectuais” – mentalidades – observando que, nos séculos XII e XIII, surgiram novas atitudes em relação ao tempo, espaço e número, inclusive o que ele chamava do “livro contábil da vida depois da morte” em referência ao julgamento individual de cada um após o trespasse. O Purgatório apenas passa a ser substantivado, ou seja, a existir, a partir da “espacialização do pensamento” em referência a esse local no fim do século XII.

O livro encontra-se dividido em três partes: a primeira intitulada *O Além antes do Purgatório* que expõe os elementos de formação secular – a herança de outras religiões e os locais da pré-história desse “local” – que estruturaram e formaram no século XII; a segunda – *O Século XII: O Nascimento do Purgatório*, quando surge a

⁷ Apesar de sua aproximação com o materialismo histórico no início de sua carreira como historiador, Vovelle tornou-se um dos maiores representantes da história das mentalidades. Cf. VOVILLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

⁸ LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. São Paulo: Estampa 1995, p. 17.

⁹ Ibidem, p.20.

¹⁰ Ibidem.

“crença” nesse além intermédio, onde os mortos passam por provações abreviadas pelos sufrágios dos vivos. Nesta parte procura examinar a sua lógica de funcionamento e aponta a mutação da sociedade que o criou; e por fim *O Triunfo do Purgatório*, se bem que atenuado e limitado, graças à Escolástica no século XIII.

Um dos principais apontamentos de Le Goff diz respeito mesmo a esse “nascimento”. Apesar da ressalva que faz – “É verdade que não se data uma crença como um acontecimento, mas devemos afastar a ideia de que a história a longo prazo é uma história sem datas” – ¹¹ propõe que o surgimento do purgatório “faz parte de um conjunto ligado à transformação da Cristandade Feudal, da qual a criação de esquemas lógicos ternários com a introdução de uma categoria intermediária foi uma expressão essencial”.¹² Em se comparando à Alta Idade Média, que era marcada pelo sistema binário (Deus/Satã; Vícios/Virtudes; Clérigos/Laicos; Poderosos/Pobres), na virada do ano mil as mutações sociais modificaram as atitudes em relação à geografia imaginária do além. A partir de então, esse esquema é substituído pelo modelo ternário (as três ordens do feudalismo; os três lugares do além). O autor diz que o maior apego as coisas terrestres e a consciência do julgamento individual entre a morte e a ressurreição foram elementos necessários à criação desse espaço. Isso nos leva a uma indagação do autor: o que equivale o aparecimento desse lugar? Na verdade, equivale a uma necessidade de justiça, maior até que o desejo de salvação, onde as injustiças do mundo terrestre seriam reparadas.

Para que o purgatório nasça é necessário que a noção de ponto intermédio ganhe consistência ao mesmo tempo em que ele possa substituir ou predominar sobre esses outros lugares existentes entre o Céu e o Inferno. A crença na imortalidade da alma e na ressurreição, a noção de julgamento e de responsabilidade individual contribuíram para a expansão desse espaço no imaginário social e na geografia do além num século de explosão da cristandade latina: o século XII.

O século seguinte ao aparecimento do lugar de purgar os pecados aparece como um período de organização, em que os teólogos latinos sentem a necessidade de melhor defini-lo devido a uma

*“dupla desconfiança quem vem, sem dúvida, de certo mal-estar perante uma crença tão pouco e mal fundamentada na Santa Escritura, e, sobretudo, do medo de ver essa crença submersa pela piedade vulgar e supersticiosa”.*¹³

Esse mesmo século XIII aparece como período do triunfo social do purgatório, uma exigência das massas no Ocidente.

No que diz respeito à relação purgatório/cultura popular, duvidamos quanto a essa necessidade, essa exigência do purgatório (no sentido próprio do termo) de grande parte da sociedade mais humilde. Enquanto para Vovelle a crença no terceiro local vai se fundar exclusivamente na religião popular, visto não está contida de forma alguma no discurso original da Igreja cristã, Le Goff diz tratar-se de uma mescla entre a cultura folclórica e a erudita, em que as pressões exercidas pela primeira no século XII contribuíram de forma decisiva para o seu

¹¹ Ibidem, p. 17.

¹² Ibidem, p. 269.

¹³ Ibidem, p. 285.

aparecimento. Mas seria apenas uma influência do cristianismo que se encontrava quase que soberano em grande parte da Europa medieval? Trata-se de uma necessidade das massas ou da própria Igreja para reforçar seu poderio nas coisas do além-túmulo? Se retomarmos o pensamento de Ariès perceberemos que não.¹⁴ Ele nos fala sobre a permanência de uma antiga noção do além presente na literatura da Alta Idade Média, em que o trespasse era identificado ao descanso, lugar de espera antes da ressurreição onde a preocupação era menos com a punição aos condenados e mais com as recompensas aos bem-aventurados. O próprio Vovelle nos mostra isso ao analisar as imagens que representam esse lugar. Essa ideia de lugar de refrigério – inclusive, muito condenada por Agostinho – vai



permanecer por muito mais tempo na cultura popular e na sua materialização, disseminada a partir da oralidade. Por mais que a criação do Purgatório como lugar intermediário excluísse essa possibilidade de repouso antes do Juízo final e da ressurreição dos corpos, a antiga concepção do além continuou a existir entre as classes mais baixas da população mesmo com a imposição da Igreja. O material produzido por grandes teólogos urbanos como Gregório o Grande, Honorius

Augustodunensis e outros clérigos, utilizado por Le Goff como documento, mostra bem essa dificuldade de elaboração mais objetiva e específica do purgatório e de sua imposição. Essa mentalidade de lugar de descanso vai persistir pelo menos até o XVI, o que nos leva a indagar sobre a real motivação da criação do purgatório e por que estrato social essa doutrina, logo depois transformada em dogma, vai ser elaborada. Dessa maneira, nossa hipótese é que sim, a cultura popular influenciou de maneira significativa a elaboração, a “substantivação” – nas palavras de Le

Goff – desse terceiro local. Mas foi a própria instituição eclesiástica que se esforçou em melhor defini-la ao longo do tempo, apropriando-se e modificando aquela crença já arraigada no folclore cristão medieval com raízes

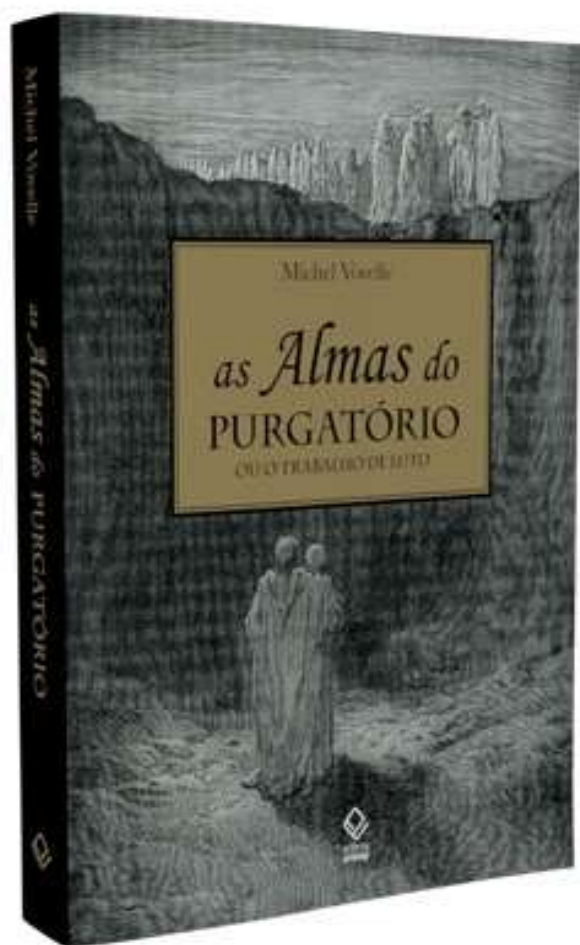
na antiguidade, o que nos faz relativizar o pensamento de Le Goff no que diz respeito a essa “exigência”, pois como explicar essa “necessidade” se muitos permaneciam fieis a seus antigos modos de figuração?

Em síntese, para Le Goff, nesse além-cristão em constante desenvolvimento, o lugar central “foi o elemento intermédio, efêmero, frágil e no entanto essencial”,¹⁵ cujo êxito se deu graças à sua espacialização e ao imaginário social cujo

¹⁴ Retomaremos um dos artigos de Ariès a fim de comparar com os dos outros dois autores e melhor fundamentar nossa hipótese. Cf. ARIÈS, Philippe. *Uma Antiga Concepção do Além*, p. 79-87. In: BRAET,

Herman; VERBEKE, Werner (eds.). *A Morte na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1996.

¹⁵ Ibidem, p.427.



desenvolvimento pleno permitiu. *O Nascimento do Purgatório* foi sua contribuição mais substancial para a história das mentalidades e do imaginário. Uma obra inovadora.

Em *As Almas do Purgatório ou o trabalho de Luto*,¹⁶ Vovelle procura interpretar a partir de imagens como o Ocidente cristão conseguiu reconstruir o imaginário do terceiro local a fim de conviver com os mistérios da morte e apaziguar o trabalho de luto. Para isso se utiliza de iluminuras, afrescos, retábulos, xilogravuras, o cinema, a televisão dentre outras fontes iconográficas. Apesar de a obra abarcar do final do século XIII ao XX, abordando “o purgatório no mesmo período em que Jacques Le Goff o abandona”,¹⁷ ou seja,

parte de um estudo sobre as origens da ideia de purgatório, aqui apenas trataremos da parte que diz respeito diretamente à Idade Média.

Partindo do tipo de fonte e da análise que Vovelle empreende, ele segue o caminho inverso. Ao invés de se debruçar sobre textos e usar a iconografia apenas como anexos ou suportes, prefere tratá-las não apenas como figuração desses textos, mas como portadoras de discursos regidos pela dinâmica das imagens. “A imagem fala mesmo quando se cala”,¹⁸ justifica. Sendo assim, inverte o procedimento habitual. Podemos situar o livro no meio caminho entre a História das Mentalidades e a do Imaginário, onde as figurações e representações dizem mais do que os discursos cristalizados acerca das mudanças de sensibilidade coletiva, que nutre o imaginário social do período medieval.

Para a compreensão do imaginário acerca do purgatório, desde sua criação ao seu desaparecimento quase total na contemporaneidade, Vovelle parte de alguns questionamentos: estaria esse local reconhecido e estabelecido na virada dos séculos XIII e XIV? Haveria dois purgatórios, um de inspiração da cultura popular e outra da cultura erudita? É possível tratar dele em imagens sem deixar de evocar os “fantasmas” e outros locais de existência temporária na busca mesma desse terceiro local? Porque abundam apenas no século XV as representações sobre o purgatório?

Ambos os autores trabalhados neste capítulo concordam no fato de a criação do purgatório refletir uma mudança de mentalidade no meio da Idade Média, passando a se impor à antiga, mas

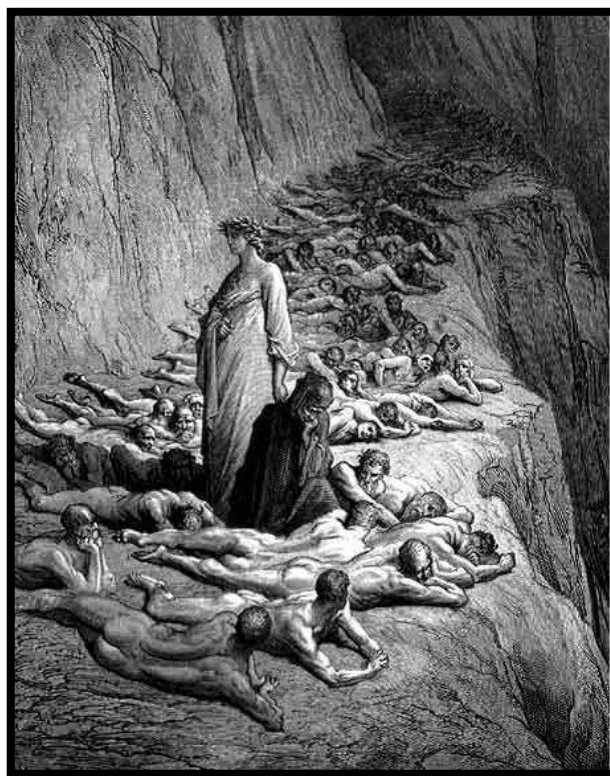
¹⁶ VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório ou o Trabalho do Luto*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

¹⁷ Ibidem, p.14.

¹⁸ Ibidem, p.15.

durante muito tempo persistente, figuração binária dos espaços do além – inferno e paraíso. Para eles, é a tomada de consciência individual que recusa esse esquema binário. Diferentemente de Le Goff, que centra seu estudo no “nascimento” desse emergente local, Vovelle dá uma atenção maior no que diz respeito ao Medieval ao século XV, onde ocorre a explosão da imagem, e passa a ser representado para toda a cristandade e não mais como antes restrito a uma elite. Essa hipótese levantada pelo autor, bem como “a dificuldade material de representar o que por muito tempo não teve nome, o que permaneceu um estado antes de se tornar um local a ser preenchido e povoado”,¹⁹ explicaria o fato de apenas mais de um século depois da criação da palavra *purgatorium* (1170-1200) por Pierre Le Mangeur aparecer a primeira

figuração gráfica desse local, o que leva também Le Goff ao questionamento: conservadorismo da imagem? Nesse sentido, podemos ver que a obra de Vovelle conversa com outra inovadora: *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*,²⁰ de Jean-Claude Schmitt. Vovelle nos diz que anteriormente a multiplicação de figurações do purgatório,



na visão de mundo dos medievais o problema dele já se encontra resolvido, pois os mortos “viviam” entre os vivos. Schmitt nos mostra relatos de aparições de fantasmas com determinadas funções sociais. Ele privilegia o coletivo, o morto ordinário e não os casos excepcionais. Se observarmos bem, as teses dos dois autores se complementam. Schmitt nos fala que em plenos séculos XII e XIII, principalmente nesse último, vão multiplicar textos que tratam dessas aparições. Apesar de também trabalhar com imagens, na grande maioria dos casos trata-se de textos. Se essa numerosa quantidade de textos sobre aparições que estão estreitamente relacionados ao purgatório tratam mais especificamente dos mortos comuns, dá para entender a hipótese inicial de Vovelle sobre as representações imagéticas desse terceiro espaço

do além, “ao caráter por tanto tempo elitista de um local ainda reservado (...) aos soberanos e príncipes, e que só irá se abrir seletivamente aos monges e monásticos nos séculos XII e XIII, com algumas entradas no meio cavalheiresco”.²¹ Podemos levantar a seguinte hipótese para o problema: para os mortos comuns, relatos e referências escritas; para os mais abastados, textos

¹⁹ Ibidem, p. 29.

²⁰ SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 1999. O título original *Les revenants*, “Os fantasmas” (ou, mais literalmente, “Os

que voltam”), foi excluído do livro em português, batizado com o subtítulo da edição francesa, *Les vivants et les morts dans la société médiévale*.

²¹ VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório ou o Trabalho do Luto*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p.29.

e imagens, principalmente imagens. Parece paradoxal se levarmos em conta que durante a época medieval a maioria da população europeia era iletrada e que os membros da igreja utilizavam a iconografia para a evangelização. Mas como Schmitt apontou muitos dos relatos analisados eram transcritos pelos clérigos, sendo uma quantidade bem menor auto registrada. Quanto mais detalhada a figuração, melhor o material utilizado pra isso, o que requer um custo mais elevado.

Durante muito tempo, as figuras desse lugar intermediário apareceram relacionadas, direta ou indiretamente, ao juízo final. No entanto, para preencher esse espaço que existia entre o juízo particular e o coletivo, outros lugares começam a surgir na iconografia como, por exemplo, o seio de Abraão e o que outros autores também chamam de limbo dos patriarcas. Porém, com a emergência e fixação do purgatório como um espaço fixo fez com que o seio de Abraão fosse pouco a pouco abandonado nas pinturas e retábulos, não acontecendo o mesmo com o limbo devido a sua simbologia. Pelo que foi explicitado acima, resta nos interrogarmos: o que fez a representação do seio desaparecer? Segundo o autor, a consciência dos pecados e da impossibilidade da passagem direta com a morte – o contrário encontrava-se inscrito nas imagens do seio – faz com que aos poucos essa representação fosse abandonada. Associado a isso, um novo contexto emerge para a explosão de imagens mais elaboradas desse terceiro local: “a implantação excepcionalmente vivaz das crenças populares no tocante à morte e

aos mortos”,²² o que contribuiu segundo à interpretação do historiador, ao aumento da importância dada a missa, substituta no fim da Idade Média das oferendas aos mortos.²³

Assim como Vovelle, Le Goff atribui ao purgatório uma função de combate. Entretanto, enquanto aquele nos diz ser um combate contra o protestantismo que o negou, por volta dos séculos XVI e XVII, o outro diz tratar-se também e anterior da luta contra os hereges (XII e XIII) e os gregos (XIII e XV).²⁴ Le Goff também enfatizou sobre o papel desempenhado pelo fogo nas descrições do purgatório. Ele servia para punir, purificar ou era um fogo probatório? Ao depender o tipo de texto em que essa relação aparece, pode significar a mesma coisa e como mostrou bem Vovelle, existia diferença de tonalidades na hora de retratar iconograficamente o fogo do purgatório e o fogo infernal.

No livro de Vovelle o purgatório parece como um espaço equívoco, ao mesmo tempo prisão e lugar de passagem. Sobre ele aparecem também as ambiguidades presentes na evolução de sua representação até pelo menos a Reforma Protestante no século XVI, onde aparecem as primeiras contestações, não somente devido a crítica às indulgências, mas ao próprio status desse ambiente de tema tão metafísico.

Como salientou Jerônimo Teixeira sobre aspectos apontados por Vovelle na obra

No Concílio de Lyon, em 1274, o purgatório já era promulgado como dogma – e confirmado nessa condição no Concílio de Florença, em 1439. O novo conceito ajudou a Igreja a administrar crenças populares

²² Ibidem, p.54.

²³ A partir de então as oferendas passam a ser direcionados aos pobres, substitutos dos mortos na terra.

²⁴ Paradoxalmente, segundo o medievalista, os

“fundadores” do Purgatório foram os gregos Clemente de Alexandria e Orígenes, uma heresia aos olhos dos dois cristianismos – grego e latino.

*antigas e renitentes: a noção supersticiosa de que os falecidos conservam influência sobre os vivos, seja na forma de entes protetores do lar, seja na de assombrações de cemitério. Essas concepções chocavam-se com o esquema binário céu-inferno, no qual não se admite acesso ao mundo dos mortos. O purgatório, ao contrário, é permeável às súplicas dos vivos. O fiel pode rezar pela salvação de seus entes queridos. E ainda pagar indulgência à Igreja, para redimi-los – ou, antecipadamente, para salvar a si mesmo.*²⁵

Percebemos assim, que o purgatório representou um lance de criatividade teológica, permitindo aos cristãos a administração melhor de sua relação com os mortos.

As Almas do Purgatório ou o trabalho de Luto, fruto de uma investigação assídua e do laborioso manejo das imagens, mostra que o espaço indeciso entre a danação e a salvação sempre foi um desafio para as artes visuais. Ora expressava a figuração de um lugar (ígneo ou aquático) de passagem, de viagem, de prisão ou conciliava as ideias antigas às novas leituras do além. Reservada primeiramente às ilustrações voltadas para uma elite, a figuração do purgatório aos poucos vai ganhando dinamicidade e no século XV sai das margens dos livros de horas e passam ao interior das igrejas para chegar a todos da Cristandade.²⁶

Le Goff concluiu seu livro defendendo esse terceiro local e colocando-o como símbolo do progresso intelectual na Idade Média e relacionando-o ao reconhecimento da consciência individual de cada um no memento da morte. Entre a publicação de sua obra e a de Vovelle – cerca de

quinze anos – essa visão de progresso linear desmorona, o que faz este último atualizar esse argumento do primeiro. Segundo Michel Vovelle, “o purgatório passou de uma conquista para, ao mesmo tempo tornar-se um instrumento ambíguo de controle social e ideológico, e também, olhando de baixo, o reconhecimento assumido do pecado do qual precisa purgar-se por própria conta (...)”.²⁷

Apesar das diferenças metodológicas entre os autores, poderíamos classificar esses dois trabalhos como complementares. Enquanto o primeiro lida com as palavras, com textos – documentos no sentido positivista – o segundo se preocupou com a imagem. Ambos contribuíram de forma significativa para a explicação e compreensão desse espaço complexo e gerador de querelas dentro e fora do ambiente religioso ocidental. Foi justamente a sua elaboração que possibilitou uma modificação espaço-temporal do imaginário cristão medieval ao mesmo tempo em que proporciona uma terceira via de resgate da alma após a morte. A instituição do purgatório, muito impulsionada pelo surgimento de novos estratos sociais, traduzia a necessidade de mudança, pois cada vez mais se rejeitavam ideias e explicações de caráter simplista.

Atualmente o dogma do purgatório é um tema em desuso, desacreditado, esquecido e até mesmo combatido. Nos meios acadêmicos tornou-se quase obsoleto. Como explicar esse processo? O discurso da igreja teria mudado?

Uma lenta, mas profunda mudança de

²⁵ TEIXEIRA, Jerônimo. *O Terceiro Lugar*. Disponível em <http://veja.abril.com.br/020610/terceiro-lugar-p-238.shtml>. Último acesso em 15/01/2015.

²⁶ Voltando a um assunto que permeou todo esse trabalho até aqui, a questão da familiaridade com os mortos na Idade Média proposta por Ariès também foi contestada por Vovelle. Segundo este último, existia

medo dos mortos agressivos e sanguinários na época em que a problemática do purgatório ainda não estava bem estabelecida. Cf. VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório ou o Trabalho do Luto*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 30-38.

²⁷ Ibidem, p.326.

mentalidade. Tudo começa em pleno século XIX, um novo momento de contestação. Não mais colocada em dúvida por religiosos, mas por filósofos e novos espíritos críticos. Eis que surge a questão acompanhada de uma lógica invertida: as almas sobem aos céus ou descem para a terra? Como Ariès nos mostrou bem, nesse mesmo século XIX, as rezas pelas almas do purgatório sofreram a intervenção da doutrina espírita que abandonou a representação individual e personificada dos supliciados. Entra em cena outra perspectiva religiosa: as almas transformam-se em espíritos, instaurando o silêncio nas imagens. O que Vovelle confirma – “a grande arte se afasta do purgatório. Chegou o tempo de uma volta à morte selvagem, longe de qualquer ideia de consolação”.²⁸

No século XII ele surge; em pleno XIV ele reina. Reina nas práticas, nos testamentos. Reina na mentalidade e no imaginário intelectual e aos poucos vai sendo assimilado pelas massas europeias. No século XIX ele agoniza e no seguinte padece.

Considerações finais

Neste trabalho desenvolvemos a maneira como elaborou-se ao longo da Idade Média uma concepção do “terceiro local” e a coexistência de posições demasiadamente opostas da localização e significação desse lugar na geografia do além. Le Goff concluiu seu livro defendendo esse terceiro local e colocando-o como símbolo do progresso intelectual na Idade Média e relacionando-o ao reconhecimento da consciência individual de cada um no memento da morte; um fruto da dinâmica do

próprio período medieval, cujo resultado foi a substituição de esquemas lógicos binários por ternários. Já Vovelle se voltou para a investigação assídua das imagens. Reservada primeiramente às ilustrações voltadas para uma elite, a figuração do purgatório aos poucos vai ganhando dinamicidade e no século XV sai das margens dos livros de horas e passa ao interior das igrejas para chegar a todos da Cristandade.

Apesar das diferenças metodológicas entre os autores, poderíamos classificar esses dois trabalhos como complementares. Enquanto o primeiro lida com as palavras, com textos – documentos no sentido positivista – o segundo se preocupou com a imagem. Ambos contribuíram de forma significativa para a explicação e compreensão desse espaço complexo e gerador de querelas dentro e fora do ambiente religioso ocidental. Foi justamente a sua elaboração que possibilitou uma modificação espaço-temporal do imaginário cristão medieval ao mesmo tempo em que proporciona uma terceira via de resgate da alma após a morte.

Airles Almeida dos Santos é Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe e integrante do Vivarium (Núcleo Nordeste).



²⁸ Ibidem, p. 308.